

No seio da Virgem-Mãe

L
4

CONSIDERAÇÕES
SÔBRE A HISTÓRIA DE UMA QUADRA POPULAR

POR

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS,
J. LEITE DE VASCONCELOS
& CLÁUDIO BASTO



VIANA-DO-CASTELO
BIBLIOTECA DA REVISTA LUSA
1922

19946

NO SEIO DA VIRGEM-MÃE

CONSIDERAÇÕES SÔBRE A HISTÓRIA DE UMA QUADRA POPULAR

No seio da Virgem-Mãe

CONSIDERAÇÕES
SÔBRE A HISTÓRIA DE UMA QUADRA POPULAR



Re. 82991

POR

CAROLINA MICHAÉLIS DE VASCONCELOS,
J. LEITE DE VASCONCELOS
& CLÁUDIO BASTO



VIANA-DO-CASTELO
BIBLIOTECA DA REVISTA LUSA
1922

19938.00

FAMALICÃO: 1922

Tip. «Minerva», de Cruz, Sousa & Barbosa, Limitada

Escritório no Dóro (Portugal): R. 31 de Janeiro, 165-1.º

capítulos, que vão dispostos por ordem cronológica. O S.^r D.^{or} J. Leite de Vasconcelos não pôde neste momento distrair a sua atenção dos trabalhos que tem entre mãos, pelo que não ampliou o seu artigo.

Viana-do-Castelo,
Abril de 1922.

C. B.

I (1)

Nos *Cantos populares do Alentejo*, incluiu A. Tomás Pires a seguinte quadra, recolhida, em Elvas (1884), da tradição oral (2):

No ventre da Virgem bela
incarnou Jesus por graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

Na *Revista lusitana*, II, 343, o mesmo etnógrafo publicou mais esta variante:

No seio da Virgem-Mãe
incarnou divina graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça,

variante que havia saído n-a *Provincia* de 5 de Agosto de 1887 (artigo *Nas férias grandes*, do Sr. Queirós Veloso), no *Diário ilustrado* de 22 de Abril de 1888 (*Cancioneiro popular*, n.º MCCCXLVI) e n-o *Tempo* de 19 de Janeiro de 1890.

Em todos estes lugares se chamava «popular» à trova.

Tomás Pires, posteriormente, ouviu em Elvas um «Canto de Natal», em cujas quadras «se reve-

(1) Publicado na LUSA, I, 69-70 (n.º de 15 de Julho de 1917), sob o título: A QUADRA No ventre da Virgem bela, etc.

(2) Cfr. *Revista lusitana*, II, 343.

la, não a litteratura dos *simples*, mas a dos *lettrados*» (1), e que termina desta maneira:

.....
Assim que o galo cantou,
com prazer e alegria,
nasceu o Verbo divino
filho da Virgem Maria;

entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.
Pariu e ficou donzela
Maria cheia de graça. (2)

E, em vista disto, a trova passou à categoria de «popularizada».

A «ideia», encontrou-a Tomás Pires mais tarde em Manuel Bernardes, julgando então «provar que, se não a trova, ao menos a tão brilhante interpretação da virgindade immaculada de Maria, pertence» (3) àquele escritor. Eis o passo:—«E Christo nosso Salvador ao sahir da clausura do Sagrado ventre da Senhora, não necessitava de que as portas della se abrissem: sahio assim como o rayo do Sol penetra a vidraça, sem esta se quebrar, nem abrir, antes ficando mais fermosa e resplandecente.» (4)

E encontrou-a depois ainda num livro do século XVIII, *Vida admiravel de Santa Getrudis a Magna*:—«Seguiu-se dia de Natal, onde esta Santa vio espiritalmente nascer a Christo das purissimas entranhas da sempre Virgem Maria, da sor-

(1) *Rev. lus., loc. cit.*

(2) *Ibid.*, pág. 344.

(3) *Ibid.*, XII, pág. 75.

(4) *Pam partido en pequeninos*, tómo 1, § 5.º, pág. 33.

te que o Sol penetra o vidro, sem macular a vidraça». (1)

A feliz comparação encontra-se em mais livros, e não é raridade ouvi-la nos sermões.

Quem seria o autor dela?

Até prova em contrário,—Pedro Lombardo.

Lê-se na obra *Institutiones theologiae theoreticae seu Dogmatico-polemicae*, de Fr. Alberto Knoll (Augustæ Taurinorum 1888, vol. I, pág. 445):—
«Communis tamen Ss. Patrum et theologorum sententia est, Christum cum vero et naturali suo corpore exivisse ex clauso Mariae utero eum penetrando; quam sententiam iam proposuit Magister sentent. dicens: «Sol penetrat vitrum, nec frangitur aut violatur; sic Virgo peperit, nec maculata fuit».—

Magister sententiarum era Pedro Lombardo, que nasceu no fim do século XI. A edição *pr.* das Sentenças é de 1474 (Nuremberga): *Petri Lombardi, episcopi parisiensis, sententiarum libri quatuor.*

No trecho acima transcrito, de Manuel Bernardes, nota-se ainda a influência de outros textos religiosos. In *Divi Thomæ Aquinatis Summa Theologica* (Paris 1864, vol. IV, col. 262), lê-se: ... «Sed contra est quod dicitur Ezech. 44, 2: *Porta hæc clausa erit, et non aperietur, et vir non transibit per eam, quoniam Dominus Deus Israel ingressus est per eam; quod exponens Augustinus (alius auctor) in quodam sermone dicit: Quid est PORTA [sic] in domo Domini CLAUSA [sic], nisi quòd*

(1) Pág. 89.—Vid. *Rev. lus.*, XIII, pág. 44.

*Maria semper erit intacta? Et quid est: «Homo non transibit per eam,» nisi quòd Joseph non cognoscet eam? Et quid est: «Dominus solus intrat et egreditur per eam,» nisi quòd Spiritus sanctus imprægnabit eam, et angelorum Dominus nascetur per eam? Et quid est: «Clausa erit æternum,» nisi quòd Maria virgo est ante partum, et virgo in partu, et virgo post partum?»—Vid. ainda Alberto Knoll, *op. cit.*, pág. 446.*

Na comparação de que se trata há a considerar, além da simples passagem do Sol pelo vidro, a *pureza* e, sem dúvida, a *acção fecundante* do Sol. Bossuet disse: . . . «il [*Deus*] s'unira à votre corps [*de Maria*]: mais il faut pour cela qu'il soit *plus pur que les rayons du soleil*:» *Œuvres choisies de Bossuet: VII—Élévations sur les mystères*—, Paris 1900, pág. 187. Quanto à «acção fecundante» do sol, recordarei apenas que um deus dos siameses «a été conçu par une vierge, des rayons du soleil, et mis au monde sans douleur», Larousse, s. v. *vierge*. Entrevêem-se, assim, as determinantes da bela comparação de Pedro Lombardo, sôbre as quais me não demorarei, por aqui só virem acidentalmente.

Divulgada por livros e prègadores, tal comparação, *caindo no gotto*, como o povo diz, foi posta em verso por qualquer poeta, talvez popular, talvez não. Quem no poderá dizer com certeza?

A «ideia», essa é que fica provado que não é do povo, nem de Bernardes, nem do autor da *Vida admiravel de Santa Getrudis* . . .

[Viana-do-Castelo,
10 de Julho de 1917.]

CLÁUDIO BASTO.

II (1)

Eis mais umas indicações acêrca da trova cuja história o D.^{or} Cláudio Basto investigou com tanto esmero no n.º 9 da LUSA. (2)

T. Pires tinha encontrado a trova em textos portuguezes do séc. XVIII e XVII. Eu, por mim, encontrei-a em um texto do séc. XVI, na *Lusitania Transformada*, de Fernão Alvares: a pág. 520, da ed. de 1781, de que me sirvo, lê-se:

Mãi, sem lesão da virginal pureza,
Assi do solar raio a sutileza
Penetra o crystal claro sem que o quebre.

E' provável que F. Alvares, conquanto na sua obra mostre conhecimento da poesia popular, se inspirasse aqui em algum sermão ou livro religioso.

A trova, tal como anda na nossa tradição, vem também nas *Mil Trovas* de Campos & Oliveira, Lisboa 1903, n.º 562; cf. o prefácio, p. XLI; e passou para o Brasil, onde J. Rodrigues de Carvalho a imprimiu no *Cancioneiro do Norte*, que porém só conheço pela referência de C. Goes nas *Mil quadras*, Rio 1916, pág. 12:

No ventre da Virgem pura
Entrou a Divina Graça;
Como entrou, também saiu,
Como o sol pela vidraça.

Campolide, 25 de Julho de 1917.

J. LEITE DE VASCONCELOS.

(1) Publicado na LUSA, I, 81 (n.º de 15 de Agosto de 1917), sob o título: NO VENTRE DA VIRGEM BELA...

(2) LUSA, I, 69-70.

III (4)

Ao precioso artigo em que o director desta Revista (2) tratou há pouco da quadra mística

No seio da Virgem-Mãe
incarnou divina graça :
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça

que, sem ser criação do vulgo, figura nos Cancioneiros Populares, e nesse estado causa a justa admiração de nacionais e estrangeiros, posso acrescentar mais alguns traços em demonstração da popularidade do delicado símile, ou seja da delicada *concepção* da *conceição* nela expressa.

Se Cláudio Basto nos mostrou que o primeiro que disse

Sol penetrat vitrum, nec frangitur aut violatur,
sic Virgo peperit, nec maculata fuit.

— *primeiro*, pelo menos até que seja descoberto outro artista mais antigo, — foi um teólogo-filósofo medieval : aquele Pedro Lombardo, bispo de Paris, cujos quatro livros de *Sentenças* contem tóda a doutrina dos Padres da Igreja, exposta com tanta clareza e serenidade que ficaram sendo o Manual predilecto do século XII e modelo para outros posteriores, eu tinha demonstrado, há alguns anos, que, propalada seguramente na Igreja em

(1) Publicado na LUSA, II, 143-146 (n.ºs 43-44, de 15-Dez. - 1918 e 1 - Jan. - 1919), sob o título : NO SEIO DA VIRGEM-MÃE.

(2) LUSA, I, pág. 69-70.

Sermões, Hinos e Representações sacras latinas, a ideia poética, cujo configurador desconhecia, passara às literaturas românicas.

Foi numa nota do meu estudo sobre a *Saüdade Portuguesa* (1) que eu indiquei dois trechos literários, um tirado de um *Mystério do Natal* francês, analisado por Petit de Juleville; outro de um *Auto do Natal* castelhano, do melhor imitador de Juan del Encina, o que o *pastoril começou*, no dizer de Garcia de Resende.

Torno a transcrevê-los aqui (N.ºs 1 e 2) e juntarei outros tantos (N.ºs 3 e 4) que encontrei durante leituras posteriores. Também dêsses um é literário, do século XVIII, ao passo que o último, que até hoje fecha o meu círculo, é popular ou popularizado.

1) *Mystère de Nativité* do século XIII :

Mais tout ainsy con la verrière
du soleil qui demeure entière
quant son ray par mi oultre passe
que ne la brise ne la quasse
ainsy demeura ton corps sain.

2) *Egloga nuevamente trobada* por Hernando de Yanguas (raríssima fôlha volante do século XVI, de que há um exemplar na Biblioteca de Viena de Austria e outro diverso na de Munich, reimpresso há pouco) (2). Nela é um pastor esperto (*Mingo Sabido*), que responde às perguntas do seu companheiro Benitillo, relativas à Virgem, da maneira seguinte :

(1) Edição da *Renascença Portuguesa* — 1914. (Vid. Nota 150 a pag. 138).

(2) Dr. Eugen Kohler, *Sieben Spanische Dramatische Eklogen mit einer Einleitung über die Anfaenge des Spanischen Dramas, Anmerkungen und Glossar*. Dresden 1911.

- B. Io, Mingo Sabido, saberlo quisiera
 Como ha quedado del parto perheta?
- M. Eppo es cosilla, Benito, secreta:
 Mas yo la barrunto ser desta manera:
 Si el sol entra y sale por una vidriera
 Sin punto dañarla, crebar ni herir,
 Mejor pudo Dios entrar y salir,
 Dexandola virgen, como antes lo era (1).

3) Foi o rei sábio de Castela e Leão, Afonso X (ou um dos seus clérigos-poetas, como Airas Nunes, que o auxiliaram na composição das (420) *Cantigas de Santa Maria*), que meteu os versos seguintes num dos Hinos que destinava a serem cantados em Sevilha, nas *Festas de Dezembro de Santa Maria* (2):

E desto vos mostro prova verdadeira
 do sol quando fer dentro em a vidreira
 que, pero a passa, en nulla maneira
 non fica britada de como siya.

Que macar o vidro do sol filla lume
 nulla ren a luz do vidro non consume;
 outrossi foi esto que contra costume
 foi madre e virgen, ca Deus x'o queria.

4) Fernan Caballero acolheu nos seus *Cuentos y Poesias populares andaluces* um cântico-romance do Natal, em dezóito estrofes de *refram*, das quais a quarta diz:

Y el poder divino
 obrando eficaz,
 Maria fue virgen
 y madre á la par,
 cual el sol penetra
 un puro cristal.
 Virgen venturosa!
 Parto celestial!

(1) Pág. 205.

(2) Ed. da *Academia Española*, Madrid 1889, vol. II, pág. 573. — Distingo na minha transcrição entre *u* consoante e *u* vogal.

E certamente, quanto mais eu fôr lendo, tantos mais paralelos do formoso trecho do *Magister sententiarum* (1164) hei-de encontrar.

Costumo alegar a quadra portuguesa como prova de que «Poesia popular é aquela que o povo canta». Canta... ou recita, porque nunca ouvi cantar *No seio da Virgem-Mãe*, nem *No ventre da Virgem bela*, nem tampouco a lição seguinte, que colhi em Ponte-do-Lima, em conversa com uma velha de Ourense :

Pariu o verbo divino
a virgem, cheia de graça :
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

Muito gostava de ouvir a melodia correspondente, a ver se é popular ou erudita.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

IV

Aos quatro reflexos neo-latinos acima registados posso juntar, ao cabo de três anos, um único novo.

Do último quartel do século XV. Obra de Gomez Manrique, aquele nobre, erudito e modesto prócer castelhano, cujos versos o rei de Portugal D. Afonso V de balde ambicionou possuir; o que trocou versos, em português, com um dos colaboradores do *Cancioneiro Geral* (1); tio de Jorge

(1) Álvaro de Brito. Vid. Menendez y Pelayo, *Antología*, vol. VI, p. LV-CHH.

Manrique, o das afamadas *Coplas à la muerte de su padre* que principiam *Recuerde, el alma dormida!*; e quanto a suas obras líricas e didácticas filho espiritual do grande Marquês de Santilhana.

Na excelente edição do seu *Cancioneiro* (em que há uma *Representação scénica* e um *Mómo*), publicado por D. Antonio Paz y Melia (1), figura um poema religioso intitulado *Loores y Suplicaciones a Nuestra Señora* (2), cuja segunda décima começa:

5. Oh fija de Dios y madre
 desde *abenicio creata*,
 Oh *virgo semper yntata*
 de la cual nascio tu padre,
 tu quedando tan entera
 como sana vedriera
 finca del sol traspasada.

Na *Glosa* em prosa, proveniente provavelmente do Dr. Pero Diaz de Toledo, há referências ao Mestre das Sentenças, Livro III, o que não deixa de ser curioso.

*

De além do Oceano vieram-me todavia materiais preciosos: da parte de um letrado que investiga com fervor e intensidade problemas literários e folclóricos, tendo já reunido num volume (*Aérides*) (3) uma série de estudos que julgo pouco conhecidos entre nós. *Alberto Faria*, — residente em Campinas (Estado de Sam Paulo do Brasil) — sabedor de linguas modernas e antigas, e crítico pers-

(1) Madrid, 1886, 2 voll.

(2) Vol. II, pág. 279.

(3) Rio, 1918.

picaz, reparara nas suas vastas leituras nas frequentes reminiscências da ideia versada na quadra popular relativa ao acto da transmissão da vida. Por isso sobressaltou-o a minha Nótula (150), impressa na *Saúde Portuguesa*, quando a leu em 1918.

Ignorando os artigos publicados posteriormente na LUSA, teve a gentileza de me expôr numa carta extensa as suas observações, que vou resumir aqui.

A forma da quadra popular, como corre no Brasil (parte-norte), é a seguinte :

No ventre da Virgem-mãe
incarnou divina graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

Além do trecho de Fernan Caballero (— que é o meu N.º 4) aponta um passo de um poema religioso moderno — do tempo do Romanticismo, o *Volberg* de Jean Siméon Pécontal (1). Transcreve-o :

- 5) Il naîtra sur un lit de chaume,
et celle qui l'aura porté,
ce roy du céleste royaume,
gardera sa virginité,
car à travers sa chaste mère
passera l'enfant radieux.

E conta que Barbey-d'Aurévilly sublinhou os últimos dois versos como *trait raphaélesque*.

Quanto a estados anteriores da delicadíssima imagem da *luz e da vidraça* — anteriores aos tex-

(1) Paris, 1831 (segundo Larousse). O letrado brasileiro leu-o no *Journal des débats* de 1838.

tos que eu mencionara na *Saüdade* — lembra que entre os teólogos místicos, de espirito neo-platónico, como o santo Dionísio Areopagita, Deus era a luz por excelência (— φως οὐν νοητὸν ἴσχυεται) (1). Notifica que existem representações artisticas da *Anunciação*, como p. ex. a de Nicolas de Verdun (sec. XII) em que o anjo Gabriel estende a mão direita, de cujos dedos saem dois raios de luz em direcção à orelha da Virgem.

Dá expressão à ideia que um poeta cristão do Renascimento como Sannazzaro em *Dè partu Virginis* seria o propagador da imagem poética.

Mostra em Dante, Petrarca e o Tasso diversos passos em que, sem desenvolvimento maior, se mencionam *raios de luz*, *raios de sol*, que incidem quer na água, quer em vidros.

O grande Florentino dissera p. ex. no *Paraiso* (II, 34-36):

Per entro sè l'eterna, margherita
ne recevette com'acqua recepe
raggio di luce, permanendo unita.

O cantor de Laura, pela sua vez, declarara em um dos Sonetos da *Vita* (2):

Poi che vostro vedere in me respande
come raggio di sol traluce in vetro
basti dunque il desio senza ch'io dica.

e repete no *Trionfo della Divintà* (3):

Passa il pensier si come sole in vetro.

(1) *De divinis nominibus*, cap. iv, parte 6.

(2) O LXIV.

(3) Verso 34.

Torcato Tasso, êsse applica a fórmula à fermosura profana de Armida, na sua *Gerusalemme* (v, 34), dizendo :

Come per acqua o per crystallo intero
 trapassa il raggio e no'l divide o parte
 per 'entro il chiuso manto osa il pensiero
 di penetrar ne la vietata parte.

Profanação, realmente.

Com Amador Arrais, o illustre Bispo de Portalegre, o investigador brasileiro se vira a Portugal, às scenas da Anunciação e Conceição, e indirectamente a Sannazzaro. Entre os *Diálogos* dêle há um em que de perto se cinge ao autor do poema *De Partu Virginis*, e equipara a Virgem à vidraça por que passa o puro raio (4).

(4) É o *Da invocação de N. S.* (cap. LV). Eis o teor da carta que traslado textualmente :

«Infelizmente, não consegui ainda avistar o *De Partu Virginis* — poema de 1525, em que Sannazaro, precedendo o cantor de Clorinda, teria fundido os metros dos de Beatriz e Laura, mas com applicação mística. Lá — a fonte provavel tanto dos versos citados por V. E. como dos por mim citados. Foi ele assaz querido (sabe-o a investigadora insigne melhor que ninguem) dos quinhentistas portugueses: traduziu-o Caminha, imitou-o Camões, etc., etc.

E A. Arraiz põe-nos na pista verdadeira ao que se me afigura, de passagens dos *Dialogos*. Escreveu no *Da invocação de N. S.* (cap. xxxiv, *post. med.*):

«Acabando, pois, o arazoamento do Anjo, deu a Virgem seu consentimento tão esperado dos filhos de Adão, abriu o coração à fé, a boca à confissão, e as entranhas ao creador, e disse: «*En adsum, accipio venerans tua jussa tuumque dulce sacrum, pater omnipotens* (Sann.) Eis aqui a serva do Senhor rendida a vossos mandados com a veneração devida». E ditas estas palavras, viu resplandecer com nova luz a casa onde estava, tanto que não podendo

*

O que é de admirar é que ainda não se encontrasse nas *Líricas* do cantor dos *Lusiadas*, nem nos Autos de devoção de Gil Vicente, nem nas prosas de Frei Tomé de Jesus, paralelo algum — quer dos cinco passos e da quadra popular, — quer das mais vagas redacções do conceito, tantas vezes secular.

Quási certa estou de que ainda os acharemos. Talvez mesmo já fôsem patenteados!

O sr. Alberto Faria preparava em 1918 um novo volume de estudos — *Acendalhas* — em que tencionava encorporar os seus e os meus materiais.

Claro que lhe respondi, mal 'recebêra a carta, enviando-lhe a LUSA e alguns opúsculos meus.

sofrer os raios reluzentes, se lhe dobrou o temor, e logo se seguiu o que conta o mesmo poeta: « *Sine vi, sine labe pudoris Arcam intumuit verbo* ».

Ora as redacções havidas por V. E., sem duvida mais proximas da primitiva, insistem em *grosso* nesta circumstancia (« *sin punto dañar la ni herir* » — que ne la brise ni la quasse); afinadas na expressão, pela sintese, as que alcancei, tornaram-na apenas perceptivel. Mas o bispo de Portalegre que tinha diante o texto latino em sua integra, volvendo à isenção do dano material, deixou noticia da imagem anterior (mesmo cap. *in fin.*) [*]

« Tambem (San.) a faz (a Virgem) *similhante à vidraça por quem passa o puro raiò* que desfaz as trevas sem movimento, nem lesão sua. Passo o seu conto por vos não causar enfadamento com tanta poesia. »

Que pena para mim, carecente da lição original, levantar-se o cálamo transcritor.»

[*] Aliás: cap. LII, do mesmo diálogo. — C. B.

Ignoro todavia se o correio lhe entregou a remessa. Debalde esperei pela réplica.

Por isso renovo agora em público os agradecimentos já dados em particular.

E espero receber mercê.

Pôrto, 25 de Abril de 1922.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

V

Logo depois de haver publicado na LUSA o artigo que forma o 1 cap. dêste opúsculo, encontrei, caído no chão, um papel impresso de aparência antiga, e, tomando-o por curiosidade de ver o que fôsse — *los papeles rotos de las calles*, de que fala Cervantes no seu *Quixote* (1) —, vi que era nem mais nem menos do que uma fôlha incompleta de um velho exemplar das Sentenças de Pedro Lombardo, e sob os olhos me ficaram imediatamente, por uma casualidade interessante deveras, as palavras do Mestre acêrca da Incarnação, com o símile de que acabava de tratar!

Não me sorriu assim o acaso daí em diante, — e quási nada mais se me deparou, após haver escrito o meu artigo na LUSA, que relação tivesse com êsse admirável símile e com a quadra portuguesa que tam bem o aproveitou.

*

As investigações que fiz na tradição oral, tanto

(1) 1 p., cap. ix.

em o nosso país como na Galiza, nada me deram de novo. Não foram mais felizes as minhas leituras de trabalhos folclóricos, em tal sentido encaminhadas.

Encontrei, apenas, uma variante da quadra em as *Notas sobre Portugal*, num artigo do S.^r António Arroio, e que vai abaixo mencionada com o n.^o 3, e na revista portuense *A Arte*, de 1899, a variante que leva o n.^o 5.

Não julgo fora de propósito coleccionar aqui tôdas as formas da quadra que são do meu conhecimento, embora quasi tôdas venham já espalhadas pelas páginas anteriores.

Ei-las :

1. No seio da Virgem-Mãe
incarnou divina Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (1).
2. No ventre da Virgem-Mãe
incarnou divina Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (2).
3. No ventre da Virgem Santa
incarnou divina Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (3).

(1) Vid. pág. 7.

(2) *Mil Trovas*, pág. 7, 3.^a ed. Cfr. pág. 41 d'êste opúsculo.—Também corre assim no Brasil (parte norte). Cfr. pág. 47 d'êste opúsculo.

(3) *Notas sobre Portugal*, artigo «O Povo Português», do S.^r António Arroio, II vol., Lisboa 1909, pág. 93.

4. No ventre da Virgem bela
incarnou Jesus por Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (1).
5. No ventre da Virgem pura
o Verbo incarnou por Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (2).
6. No ventre da Virgem Pura
entrou a divina Graça;
como entrou, também saiu,
como o sol pela vidraça (3).
7. Pariu o Verbo divino
a Virgem, cheia de Graça,
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça (4).

Os dois últimos versos da quadra são, pode-se dizer, invariáveis. O primeiro verso é *no seio* ou *no ventre da Virgem-Mãe*, ou da: *Virgem Pura*, *Virgem Santa*, *Virgem Bela* . . . Não encontrei as variantes tôdas, que aponto, dêste primeiro verso, mas é natural que as haja.

O segundo verso é, em regra, *incarnou divina Graça* ou *incarnou Jesus por Graça*.

A forma que me parece mais perfeita é a da quadra como vai em primeiro lugar:

No seio da Virgem-Mãe
incarnou divina Graça;
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

(1) Vid. pág. 7.

(2) *A Arte*, revista do Pôrto, III, pág. 64 (n.º 2, de Novembro de 1899).

(3) Vid. pág. 11.

(4) Vid. pág. 15.

*

A quadra, desde que não faz parte de nenhuma canção, não tem (como é natural) música particular. Deverá ser cantada, em virtude da sua feição, com música de cânticos religiosos, à escolha de quem a cantar.

Efectivamente, o S.^r Queirós Veloso, no já citado artigo *Nas férias grandes*, inserto em a *Provincia*, de 5 de Agosto de 1887, diz (1):

— « A distancia ainda, senti-lhe os passos; e ouvi-lhe depois a voz clara cantar, na dolorida musica da Senhora do Sãmeiro, aquella ingenua e encantadora trova popular, a mais bella e curiosa interpretação da virgindade immaculada de Maria:

No seio da Virgem-Mãe » etc.

Ouviu-a, portanto, cantar o S.^r D.^{or} Queirós Veloso com a música popularizada do Hino à Senhora do Sãmeiro. Sem dúvida terá ela sido, ou é, cantada com a música de outros hinos ou cânticos religiosos. Eu é que nunca a ouvi cantar.

Por curiosidade, registo, na página seguinte, a quadra com a música do referido Hino à Senhora do Sãmeiro (2).

*

Encontrei a comparação, que esta bela quadra

(1) Apud *Rev. lus.*, II, 343.

(2) Registo-a, devido à amabilidade do S.^r Álvaro Ventura, distinto Sub-chefe da Banda de inf. 3 e professor de música, que prontamente acedeu ao pedido que, em tal sentido, lhe fiz, — o que muito lhe agradeço.

aproveitou, nos *Diálogos*, de Amador Arrais (1), que a atribui a Sannazzaro (1458-1530), e, ainda

Voz

No sei o da Vir gem.

Mãe in car nou di vi na

1^o ve 2^o ve

graça No graça en-

Trou es sa iu por é la co mō

1^o ve

sol - pe la vi draça en -

D.C.

draça

que empregada com outro fim, em *La Gerusalemme liberata*, de Tasso (2), — ao que não faço maior re-

(1) Diál. 10.º, cap. LI; pág. 747 da ed. de 1846.

(2) iv, 32, na ed. de Venesa, 1736 (pág. 78).

ferência, por o mesmo haver sido já notado no artigo anterior, da S.^{ra} D.^{ra} D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Estranhei não a haver achado na *Dissertação theologica, historica, critica sobre a definibilidade do Mystério da Conceição immaculada de Maria Santissima*, de Fr. Manuel do Cenáculo, — onde, porém, são citadas muitas obras acêrca da « Incarnação », sendo possível que nessas alguma coisa se topasse.

Há neste livro de Fr. Manuel do Cenáculo imagens como as constantes dos seguintes passos :

« Conceição pura da Santissima Virgem, a qual figurada na luz clarissima nada pôde participar das trevas da culpa » (1).

« não chegou o bafo pestilente da serpente astuta, maldita, e antiga a empanar o purissimo cristal, Maria Santissima em sua conceição immaculada » (2).

Imagens destas, baseadas em textos bíblicos, são correntes nos livros religiosos, nomeadamente na citada obra de Amador Arrais. Prosadores e poetas de todos os tamanhos as têm usado.

Puro como o cristal e puro como o sol (ou *como as estrêlas*) são até comparações populares.

O S.^r Pedro Fernandes Tomás colheu, por exemplo, uma canção religiosa *A' Virgem*, onde se incluí a seguinte quadra :

(1) Lisboa 1758, pág. 3.

(2) Pág. 1 (Prefação).

Vossa alma é mais pura
Que os puros crystaes ;
Formosa sem mancha
Bem dita sejaes ! (1)

Puro como o sol é, igualmente, comparação espalhada entre o povo, com referência à pureza virginal. (2)

Viana-do-Castelo, Abril de 1922.

CLÁUDIO BASTO.

(1) Pedro Fernandes Tomás, *Velhas canções e romances populares portugueses*, Coimbra 1913, pág. 82.

(2) Em livros que tratam de religiões orientais ou que a elas aludem, encontram-se bastas referências a divindades solares, — interessando-nos, agora, particularmente os livros onde é versada a questão de Cristo considerado mito solar. — Vid., por exemplo, o capítulo iv do conhecido livro de Emilio Bossi, *Cristo nunca existiu*.

LUSA

REVISTA ILUSTRADA DE INVESTIGAÇÕES REGIONAIS, SCIÊNCIAS E LETRAS (ETNOGRAFIA, FILOLOGIA, ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA, CRÍTICA, LITERATURA, ETC.)

DIRIGIDA POR

CLÁUDIO BASTO & PEDRO VITORINO

COM A COLABORAÇÃO DE

A. Aurélio da Costa Ferreira, A. C. Pires de Lima, Afonso Lopes-Vieira, Albino Forjaz de Sampaio, António Arroio, António Baião, António Correia de Oliveira, Cândido de Figueiredo, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Delfim Guimarães, Ernesto Sardinha, F. Alves Pereira, Ferreira Soares, Gomes de Brito, Henrique Lopes de Mendonça, J. J. Nunes, J. Leite de Vasconcelos, J. Maria Rodrigues, João da Rocha, João da Silva Correia, José Caldas, L. de Figueiredo da Guerra, Manuel de Sousa Pinto, M. Cardoso Marta, Pedro de Azevedo, Raúl Brandão, Sebastião Rodolfo Dalgado, Teófilo Braga, : : : Venceslau de Moraes, etc., etc. : : :

Em publicação o IV volume (1921-1922)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AV. DE CAMÕES, 46—VIANA-DO-CASTELO

(PORTUGAL)